

Carta da América VIII

A História dos Estados Unidos conta com muitos generais que não só foram competentes comandantes de guerra como também grandes homens de Estado. Tanto George Washington como Dwight Eisenhower foram grandes comandantes militares que, simultaneamente, enquanto Presidentes, se empenharam na diplomacia. George Marshall era general, mas foi também Secretário de Estado e Secretário da Defesa. O seu famoso Plano Marshall foi fundamental para a reconstrução da Europa no pós-guerra. É notável que estes homens, treinados para destruir, tenham igualmente estado à altura dos acontecimentos, não só promovendo a paz mas chegando mesmo, ocasionalmente, a condenar o militarismo excessivo.

A mais severa reprimenda feita por um general americano à máquina de guerra foi proferida no discurso de despedida à nação do Presidente Eisenhower, em Janeiro de 1961:

“Nas esferas governamentais, devemos-nos precaver contra a influência despropositada, intencional ou não, do complexo industrial-militar. Existe, e continuará a existir, potencial para o crescimento desastroso de um poder inadequado.”

Este incrível diagnóstico, feito por um militar profissional – e não um qualquer, mas o Supremo Comandante Aliado durante a Segunda Guerra Mundial – fez soar um alarme, tão actual hoje como o era na época.

O presidente Eisenhower estava a alertar o público para a potencial formação de um cartel, composto pela indústria de defesa, os responsáveis pelo planeamento militar e os políticos; um cartel tão poderoso que tinha a capacidade de determinar as decisões políticas, independentemente das decisões dos eleitores e dos seus representantes. Existia, e continua a existir, um fluxo de militares reformados que se juntam à indústria de defesa, onde podem promover a aquisição de equipamentos militares mais elaborados e mais caros, sem qualquer controlo por parte dos civis. Se a esta deslocação de militares juntarmos o fluxo de políticos que após se retirarem se juntam aos meandros dos *lobbyists* profissionais, as oportunidades de lucro, à custa dos contribuintes, são quase ilimitadas. Para além do desperdício de dinheiros públicos, está sempre presente a hipótese de se procurarem conflitos militares intermináveis que justifiquem aquelas despesas.

Um dos escândalos do actual conflito no Iraque são os milhões de dólares atribuídos a empresas civis pela administração Bush, a companhias como a Halliburton e a Blackwater. A Halliburton era dirigida pelo vice-presidente Dick Cheney e foi o próprio que deu início ao processo de contratação em *outsourcing* de funções militares de apoio, quando era Secretário da Defesa, na Administração de George Bush pai, fazendo assim nascer as suspeitas de que as guerras se podem transformar numa mistura explosiva de políticas mal definidas com oportunidades de lucro.

É surpreendente ver como a oposição Democrata critica a acção da Administração no Iraque, ameaçando mesmo cortar os fundos, sem contudo questionar seriamente o orçamento em si mesmo. Os líderes do Congresso dos dois partidos assumem, pura e simplesmente, que os milhões gastos diariamente são para o pagamento dos soldados

quando, na verdade, uma larga fatia desses fundos são para empresas civis, que fornecem serviços e pessoal de segurança no Iraque e que produzem equipamento para os militares, nos Estados Unidos. A questão das empresas privadas que operam no Iraque é tão sensível que até o seu orçamento é confidencial, tornando impossível determinar qual a percentagem da despesa de guerra que acaba por ir para o que é uma gigantesca operação mercenária.

O último general que lançou um alerta em relação ao abuso de poder no seio da classe governante foi, nada mais nada menos, do que Colin Powell, Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas na Administração de Bush pai e Secretário de Estado com o Presidente Bush filho – o que não deixa de ser uma surpresa. Na edição deste mês da revista *Gentleman's Quarterly* encontramos o fantasma do Presidente Eisenhower na provocadora afirmação de Powell:

“A única coisa que verdadeiramente nos pode destruir somos nós próprios. Não o devíamos fazer a nós mesmos, e não devíamos utilizar o medo para fins políticos – assustar as pessoas de morte para que votem em nós, ou assustar as pessoas de morte para que possamos criar um complexo industrial de terror”

A comparação com Eisenhower é não só óbvia como devidamente calculada. O facto da imprensa internacional, de uma forma geral, ter ignorado esta fantástica afirmação não só é preocupante mas igualmente indicativa de uma imprensa que ou é escrava do *status quo* ou anda a dormir. A mais recente declaração pública de Powell é tão profunda como a de Eisenhower o foi no seu tempo e é uma espantosa censura aos seus antigos chefes.

As suas palavras, cuidadosamente escolhidas, são uma reprimenda directa ao facto de o Presidente Bush estar sempre a jogar a carta do terrorismo em todos os seus monocórdicos discursos. Mas se considerarmos que a linha do terror de Bush é mimeticamente usada pela maioria dos candidatos republicanos, também os atinge directamente. O mais significativo, porém, foi a linear rejeição de Powell da elaborada máquina registradora de Cheney, ao cunhar uma nova frase – o complexo industrial de terror –, um paralelo dos tempos modernos do complexo industrial-militar de Eisenhower.

Talvez esta afirmação venha a ser usada, por futuros historiadores, da mesma forma que a de Eisenhower tem sido utilizada, para lamentar o facto de ainda existir uma pouco saudável aliança entre os governos e as empresas de defesa privadas nos Estados Unidos. Se o resto do mundo pensa que este é um fenómeno exclusivamente Americano, a verdade é que um ou outro tipo de complexo industrial-militar está em acção em qualquer uma das grandes potências militares. A relação entre pessoas em postos de poder e os fornecedores de equipamento e de serviços militares merece ser estudada em detalhe, em diversos sistemas de governo, sejam eles democráticos ou autocráticos. O que torna a situação nos Estados Unidos tão gritante e potencialmente perigosa é a grande dimensão do complexo militar americano e o contínuo potencial para o abuso, já para não mencionar o seu impacto no mundo inteiro.

Colin Powell fez um grande favor ao mundo ao fazer soar as campainhas de alarme. Após o pungente espectáculo de mais um general relegado para a ingrata posição de ser um entre outros relações públicas da Casa Branca, ainda resta ver se o General Petraeus,

o último a quem foi confiada a tarefa de «normalizar» o Iraque e que tem provas dadas de integridade, ainda virá no futuro alertar-nos sobre a última versão do abuso de poder, seja ela qual for.

Peter Calvet . Director-executivo da Portuguese Cultural Foundation, Providence,
Rhode Island